



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE HUMANIDADES – CH  
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UAG  
CURSO DE GEOGRAFIA

**A FEIRA LIVRE DE BOQUEIRÃO: COMÉRCIO, CONSUMO E PRODUÇÃO DO  
ESPAÇO**

**NOALDO JOSÉ AIRES TAVARES**

CAMPINA GRANDE- PB  
2014

NOALDO JOSÉ AIRES TAVARES

**A FEIRA LIVRE DE BOQUEIRÃO: COMÉRCIO, CONSUMO E PRODUÇÃO DO  
ESPAÇO**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em cumprimento as exigências para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

**ORIENTADOR: Prof. Dr. LINCOLN DA SILVA DINIZ**

CAMPINA GRANDE- PB

2014

NOALDO JOSÉ AIRES TAVARES

**A FEIRA LIVRE DE BOQUEIRÃO: COMÉRCIO, CONSUMO E PRODUÇÃO DO  
ESPAÇO**

**Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_**

---

Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz  
Orientador

---

Prof. Ms. Eduardo Ernesto do Rêgo  
Examinador externo

---

Prof. Dr. Sérgio Luiz Malta de Azevedo  
Examinador interno

Campina Grande  
2014

TAVARES, Noaldo José Aires. **A FEIRA LIVRE DE BOQUEIRÃO: COMÉRCIO, CONSUMO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO** 28 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia). Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2014.

### RESUMO

Esse artigo apresenta alguns olhares relacionados à feira livre do município de Boqueirão-PB. Ela constitui uma das principais feiras da microrregião do Cariri Oriental do Estado da Paraíba, tornando-se importante para a cidade e também para populações de municípios circunvizinhos. Esta pesquisa teve como objetivo principal analisar a importância da feira livre de Boqueirão-PB, a partir dos aspectos socioeconômicos, como também entender as mudanças que ocorrem nesse espaço. As novas formas de comércio, as transformações econômicas e culturais, os novos hábitos de consumo, os efeitos da competitividade constituem aspectos inerentes a esta pesquisa. No que se refere ao espaço geográfico, observa-se novos conteúdos, formas e ações, de acordo com as novas lógicas e alterações do mercado e do consumo. Quanto às outras práticas sociais e econômicas (resistências), destaca-se a prática do “fiado”, que funciona como um instrumento de “crédito de confiança” para populações de rendas pequenas adquirirem produtos. Tal prática comercial fomenta relações de sociabilidade mais próximas e personalizadas entre vendedor e cliente (freguês). Além da existência desta prática, outras práticas contribuem para o processo de reconfiguração das feiras em tempos de inovações. Devemos então atentar para importância deste espaço, como também destacar o seu papel social/interativo e econômico no período atual de globalização econômica.

**Palavras-Chave:** Feira livre, novas formas comerciais, produção do espaço.

### ABSTRACT

This article present some looks related to the open market in the town of Boqueirao-PB. It is one of the main open markets in the micro-region of Eastern Cariri of Paraíba state, being important to the city and also to the people of nearby towns. This research analyze the importance of this open market related to socio-economic aspects, but also aimed to understand the changes that occur in this space. The new forms of trade, the economic and cultural changes, the new consumption habits and the effects of competitiveness are relevant aspects in this research. As regards geographical area, there is new contents, forms and actions according to the new logical and market changes of consumption. As for the other social and economic practices (resistance), there is the practice of buying things “on credit”, which functions as a "vote of confidence" to people of low incomes purchase products. This business practice encourages closer and customized social relationships between seller and customer (client). In addition to the existence of this practice, other practices contribute in the process of markets reconfiguration in innovations times. We must therefore pay attention to the importance of this space, but also highlight your social / interactive and economic role in the current period of economic globalization.

**Keywords:** open market, new business forms, space production.

## 1 INTRODUÇÃO

Entendemos que a feira livre é um espaço de comercialização popular, que permanece atuante na economia de diversos municípios brasileiros no período atual, exercendo significativa importância na vida urbana e regional.

Em Boqueirão, a feira ainda se configura, na atualidade, como um importante ponto de comercialização e de desenvolvimento comercial local e regional, especialmente entre os municípios que compõem a microrregião do Cariri Oriental no estado da Paraíba, uma vez que esse espaço ainda concentra e atualiza parte significativa da vida econômica e cultural dos habitantes locais e municípios circunvizinhos.

O comércio, em múltiplos espaços-tempo, estimulou o crescimento de núcleos populacionais existentes, atendendo a diversas necessidades criadas pelos grupos sociais. Também é notória a influência do comércio na transição de uma sociedade eminentemente agrícola, para um modelo urbano predominante na contemporaneidade (SPÓSITO, 2001). Essa influência na vida urbana, também nos é apresentada por Vargas (2001, p.96) que, “desde o início, esses locais onde a troca realizava-se possuíam um papel muito importante, não apenas na atividade econômica, mas principalmente na vida social”, mostrando sua influência na (re) produção do espaço.

As formas de localização do comércio também variam ao longo do tempo, Pintaudi (2008), mostra que a atividade comercial, nas primeiras comunidades humanas, localizava-se, quase que exclusivamente, em áreas próximas a clientela. Atualmente, existe uma tendência de centralização da atividade comercial num único espaço (super/hipermercados, shoppings), não necessariamente em áreas próximas aos clientes, mas que sejam de fácil acesso para estes.

No caso das feiras livres regionais, embora estas ainda exerçam influências na vida social, sobretudo, de populações interioranas, observam-se transformações nestes tradicionais espaços comerciais, a partir da presença de novas formas comerciais, como os supermercados e/ou mercadinhos entre outras novas modalidades comerciais. Mesmo assim, as feiras livres mantêm uma dinâmica socioespacial marcante nas economias locais de diversas localidades urbanas, bem como uma coexistência no perfil de consumo das populações de diferentes níveis socioeconômicos.

Diante do exposto, surge então o interesse de perceber as mudanças ocorridas nesse espaço, bem como a sua atual situação, enquanto ambiente socioeconômico de grande relevância para o referido município e região.

O espaço comercial é mutável e está sujeito a inúmeras transformações. No caso do comércio das feiras, podemos perceber essa variação através do surgimento de novas formas comerciais e novos hábitos de consumo, bem como o desaparecimento e/ou enfraquecimento de antigas formas comerciais. A feira de Boqueirão embora permaneça como um espaço de comércio popular e tradicional reproduz parte destas transformações.

A feira de Boqueirão, assim como diversas outras feiras de municípios interioranos do Nordeste brasileiro, são caracterizadas por Corrêa (1997, p.50) pelos seus intensos mercados periódicos, que são definidos pelo autor como “aqueles núcleos de povoamento, pequenos, via de regra, que periodicamente se transformaram em localidades centrais: uma ou duas vezes por semana, de cinco e cinco dias, durante o período de safra, ou de acordo com outra periodicidade”. Afirma ainda que, “fora dos períodos de intenso movimento comercial esses núcleos voltam a ser pacatos núcleos rurais, com a maior parte da população engajada em atividades primárias”. Desta forma, sendo as feiras importantes pontos de comercialização da economia regional, a sua influência na origem e na vida das cidades interioranas tem um caráter histórico e social determinante.

Em Boqueirão, a feira é realizada semanalmente, aos sábados, iniciando-se na madrugada deste dia e estendendo-se até o horário da tarde do mesmo dia. Em sua realização podemos perceber a mobilidade de serviços e de pessoas que são atraídas para a cidade com variadas finalidades, proporcionando uma espécie de migração pendular, tanto de feirantes como de clientes.

Diante do exposto, esta pesquisa que teve como objetivo principal analisar a importância da feira livre do município de Boqueirão-PB, a partir dos aspectos socioeconômicos, como também entender as mudanças que ocorrem nesse espaço na atualidade. Buscando conhecer a relevância do espaço comercial da feira citada, enquanto espaço de sociabilidade e de consumo e analisar transformações e modernizações que ocorreram na feira livre da cidade, e seus possíveis efeitos na estruturação local.

Na realização desta pesquisa, que teve início através do Programa Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC/UFCG), foram realizadas as seguintes etapas: revisão bibliográfica em estudos na área da Geografia do Comércio e Consumo, enquanto subárea da Geografia Urbana, além de visitas periódicas a área de estudos, com aplicação de questionários e entrevistas com diversos agentes sociais que dinamizam esse espaço.

Nosso trabalho está estruturado em três grandes eixos que são discutidos ao longo da fundamentação teórica: o primeiro trata de mostrar o contexto das feiras livres e

organização do espaço. O segundo, nos mostra a formação geohistórica da Cidade de Boqueirão. A terceira trata da feira de Boqueirão no período atual, mostrando suas transformações e coexistências.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Feiras livres e organização do Espaço**

O setor comercial possui grande influência na área econômica das pequenas e grandes cidades brasileiras, movimentando sempre uma parte considerável das atividades produtivas destas. O comércio das feiras é um dos principais elementos centralizadores de uma cidade, ou seja, sua dinâmica e intensidade influenciam no crescimento e desenvolvimento da mesma, contribuindo também no surgimento de novos serviços dentro deste mesmo espaço, tornando-a uma referência para outras localidades circunvizinhas.

As feiras livres possuem uma importância na vida das cidades há vários séculos, desde o surgimento daquelas que remontam ao renascimento do comércio na transição da Idade Média para a Idade Moderna, em um momento que se dava uma produção regular de excedentes agrícolas destinados aos espaços de troca de produtos.

Santos (2013) aponta que nessa época as feiras livres consistiam em uma das formas mais representativas do ponto de vista econômico, sendo um período de intensa disseminação dessa forma comercial, por estarem em consonância com o contexto histórico da época.

Em termos referentes ao surgimento das feiras livres em território brasileiro, vemos que:

No Brasil, o processo de formação das feiras-livres está ancorado, segundo Bromley (2005), aos fatores exógenos, elas surgem a partir de dinâmicas externas, fora do lugar, a exemplo das feiras de gado de algumas cidades, como a feira-livre de Capuame, atualmente Dias D'Ávila, mais tarde relocada para Feira de Santana e Arco Verde. (SANTOS, 2013, p.768).

Segundo Gilmar Mascarenhas de Jesus (1992, p.96), as tradicionais feiras livres se fizeram presentes ao longo do período colonial no Brasil, como uma importante tradição cultural ibérica implantada pelo colonizador português. O autor também nos mostra a importância dessa forma de comercialização no processo de criação e expansão de diversos núcleos urbanos, especialmente no interior da região nordestina, com destaque para os

centros urbanos regionais mais dinâmicos na atualidade, como: Campina Grande, Caruaru, Feira de Santana, Sobral, Juazeiro, Patos, Cajazeiras, Caicó entre outros.

Sobre esses núcleos, cabe mencionar Cardoso e Maia (2007, p.524) que destacam feiras localizadas na região Nordeste. Nas quais, segundo os autores, são corresponsáveis, desde o período colonial, pelo surgimento de algumas povoações, onde simbolizaram como “pontos de convergência de populações em locais escassamente povoados”. Assim como citado por Cardoso e Maia (2010), as feiras livres contribuíram para a formação de núcleos de povoamento em território brasileiro, tendo função de ponto de convergência em locais que outrora foram escassamente povoados.

Nesse contexto, vemos que as feiras livres brasileiras, sobretudo no Nordeste, tiveram um relevante papel na produção do espaço e que ainda serão “responsáveis pelo aparecimento de diversos núcleos urbanos” (SANTOS, 2013, p.764).

Portanto, ela não é uma instituição de nossa época, trata-se de um elemento antigo, mas que vem sobrevivendo ao longo do tempo. É um espaço dotado de rugosidades, parafrazeando Santos (1997), apresentando características socioculturais específicas.

A feira livre é um espaço de comercialização antigo, com fortes raízes e que permanecem atuantes até hoje na economia de diversos municípios brasileiros, exercendo grande importância na vida urbana de muitas cidades. São as feiras, assim como citado por Dantas (2008, p.6), que alteram a dinâmica da cidade durante sua realização, sendo perceptível pelo deslocamento das pessoas ou mesmo na própria organização da área onde está situada. Mas ao mesmo tempo em que apresenta rugosidades, a feira livre também apresenta adaptações ao nosso tempo. Cada vez mais se assiste a inserção/expansão de formas modernas de investimentos e inovações.

Nesse sentido, Salgueiro (1989) nos mostra fatores que contribuíram para essas alterações, como o desenvolvimento dos transportes, crescimento das cidades, uma maior motorização na produção e até mesmo a elevação dos índices educacionais, que fazem o consumidor exigir uma maior qualidade agregada ao produto e a sua produção.

Essas mudanças são concomitantes a um novo período histórico-geográfico, apontado por Santos, caracterizado por grandes avanços técnico-científicos-informacionais. Esse fenômeno conduz a diversas transformações no espaço e nas relações sociais e nos dá novos conteúdos ao espaço geográfico, convergindo para as alterações de mercado. De acordo com Santos:

[...] o mercado, graças exatamente à ciência, à técnica e à informação, torna-se um mercado global. O território ganha novos conteúdos e impõe novos comportamentos, graças às enormes possibilidades da produção e, sobretudo, da circulação de insumos, dos produtos, do dinheiro, das ideias e informações, das ordens e dos homens. É a irradiação do meio técnico-científico informacional. (SANTOS; SILVEIRA 2001; p.52-53).

Com isso, principalmente a partir da última metade do século passado vemos expandir-se o número de novas formas de comércio, fazendo-se cada vez mais presentes no espaço urbano, competindo com formas comerciais mais tradicionais. Dentre essas novas formas de comércio, citamos os shoppings centers e o comércio virtual, também os supermercados e hipermercados que adotaram o autosserviço, descrito por Salgueiro (1989), que consiste em um acesso livre e direto entre o consumidor e a mercadoria, realizando, neste caso, o contato com o vendedor apenas no caixa de pagamento, localizado próximo à saída do estabelecimento. Essa prática inovou nas relações com os clientes e deixou o antigo serviço, caracterizado pelo balcão de atendimento, enfraquecido.

Pintaudi (2011) afirma que há mudanças com relação a outros espaços-tempo. No que diz respeito aos aspectos socioespaciais e relações cotidianas, que são produzidas no espaço e que estão relacionados a formas de produção. Essas mudanças podem estar associadas ao imaginário do consumo, idealizando novas necessidades para as diversas classes sociais e também as constantes inovações que se tornam interativas na vida dos consumidores.

Essa situação está relacionada ao interesse dos grandes capitais, como percebemos em Pintaudi (1999, p.155):

A forte tendência de centralização da atividade comercial num único espaço (supermercado, hipermercado, shoppings centers, etc.) reforça os interesses dos grupos empresariais, que avançam intensamente sobre o espaço comercial das cidades, garantindo maior acessibilidade à clientela, ao possibilitar o encontro de uma grande diversidade de produtos no mesmo local, além de outras facilidades na comercialização.

O fato é que essas novas formas de comércio estão cada vez mais próximas e inseridas nas pequenas cidades e seus moradores, seja por sua expansão nesses territórios, ou pela facilidade de fluxos e transporte de pessoas e mercadorias que se direcionam aos grandes centros. Também pela ampliação de usuários dos meios virtuais que adentraram pelo interior brasileiro nos últimos anos. Surgem então questionamentos sobre como as

feiras livres dessas pequenas cidades interioranas irão continuar se desenvolvendo diante desta nova realidade.

Diante dessa situação, concordamos com Salgueiro (1989), que afirma que: “As grandes superfícies nunca poderão anular completamente o pequeno comércio”, onde ao nosso entendimento não relaciona apenas elementos econômicos, mas também culturais.

Entendemos a feira livre como um lugar de manifestações culturais, onde se percebe um rico fluxo de identidades e valores. Nela podemos evidenciar uma sociabilidade entre seus frequentadores. Com isso buscamos ressaltar que a feira não é apenas um espaço econômico, mas também um local de produção cultural.

Características culturais estão presentes nas feiras livres desde os primórdios, onde as relações comerciais se davam através dos excedentes, também serviam como uma forma de integração e aproximação de culturas e costumes entre diferentes povos e comunidades.

Também há o fato desse espaço ser caracterizado por uma intensa relação social entre seus participantes, com manifestações culturais e hábitos que identificam seu povo e pelos quais as sociabilidades são construídas com base na espontaneidade. Isso faz com que um estudo de natureza geográfica não possa estar relacionado apenas à área econômica, mas também buscar uma integração que revele essas inter-relações.

A feira livre mostra-se assim, um espaço repleto de funcionalidades, tanto em aspectos econômico-produtivos, como em aspectos socioculturais. Oferecendo aos pesquisadores uma rica possibilidade de análise e compreensão do espaço local e regional.

Entender a atual relação entre as modernizações, que vem ocorrendo no nosso espaço-tempo, e a sua maneira de interagir com as tradições presentes nas feiras livres, buscando perceber suas transformações e coexistências, é um caminho indicado a ser percorrido pela Geografia.

## **2.2 A formação geohistórica da cidade de Boqueirão**

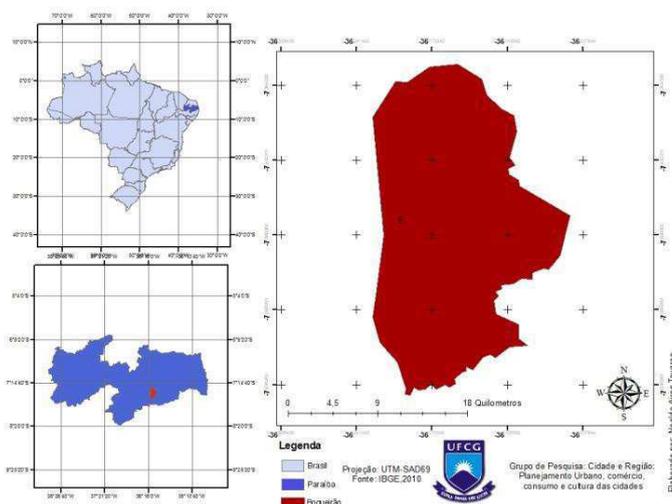
Assim como diversos municípios do interior nordestino, a ocupação de Boqueirão possui íntima relação com as atividades pecuárias e comerciais, que se desenvolveram através da instalação de currais e feiras de gado, próximos ao curso do rio Paraíba. Tal processo, segundo Figueirêdo Filho (2002), ocorre na segunda metade do século XVII.

Outro fator intrínseco a esse processo foram as bandeiras, objetivando efetivar a posse da terra, e muitas vezes o aprisionamento/exterminio da população indígena da

região. Nesse movimento de adentrar no território paraibano, destaca-se a família Oliveira Ledo, que foi a responsável pelas expedições que culminaram no povoamento da antiga Vila de Carnoió. (SILVA, 2006). Vale destacar que nesse período, diante da inexistência de atividades econômicas expressivas naquela vila, existia uma condição de subordinação a cidade de Cabaceiras.

O município de Boqueirão está localizado no estado da Paraíba (Mapa 01), mais especificamente na Mesorregião da Borborema e na Microrregião do Cariri Oriental. Possuindo uma área territorial de 371,984 Km<sup>2</sup> e população estimada em 17.530 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014).

Mapa 01- Localização do município de Boqueirão



Fonte: TAVARES, 2013.

Uma significativa obra que alterou profundamente a dinâmica espacial da região refere-se à construção do açude Epitácio Pessoa (principal fonte de água potável do cariri paraibano), administrado pelo Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS) e construído entre os anos de 1951 a 1956.

A partir do processo de construção desse reservatório, a antiga vila denominada Boqueirão de Cabaceiras, ganha notoriedade em nível local e na escala microrregional (OLIVEIRA, 2007). Fica perceptível, nessa conjuntura, um forte crescimento populacional, concomitante ao crescimento econômico. Tendo havido uma convergência de operários e técnicos que trabalharam na construção da barragem e posteriormente permaneceram no território.

Diante desse contexto ocorre a emancipação política dessa localidade, em 30 de Abril de 1959, passando a denominar-se Boqueirão. Após esse processo emancipatório, Boqueirão chegou a ser o segundo maior município do Estado da Paraíba, em extensão territorial. Posto que viesse a perder posteriormente, com a emancipação de quatro dos seus distritos (Caturité, Barra de Santana, Riacho de Santo Antônio e Alcantil), no ano de 1996.

Entendemos que esse processo vai de acordo com o pensamento de Carlos (2001), que nos mostra o espaço geográfico enquanto produto histórico e social, fruto das relações estabelecidas entre a sociedade e o meio circundante.

Antes mesmo da emancipação política de Boqueirão, já existiam atividades comerciais que visavam atender as necessidades básicas de seus moradores. Tais pontos comerciais localizavam-se em uma rua próxima à margem do Rio Paraíba e em outras ruas menores, próximas a Igreja Católica da Vila de Carnoió (SILVA, 2006).

Embora não haja uma precisão quanto à data, a imagem abaixo retrata um movimento político (comício) dentro da feira livre de Boqueirão, ainda na época em que esta se localizava na Rua Oliveira Ledo. A mudança para o atual local de deu a partir da construção do Mercado Público Municipal.

Imagem 01: Feira livre de Boqueirão na década de 1950 – Rua Oliveira Ledo



Fonte: Acervo pessoal Cléa Cordeiro Rodrigues.

Até hoje existe no município uma significativa produção de redes e tapetes, que dominou durante algumas décadas a economia local (SOUSA; BRITO; ANDRADE, 2013). Com a praga do bicudo, na década de 1980, houve uma redução significativa dessa produção, assim como das atividades cotonicultoras existentes no município.

Após a década de 1970, a produção de culturas irrigadas às margens do açude ganha importância no cenário econômico da região. Boqueirão chegou a possuir cinco agências bancárias, sendo estas: Banco do Brasil, Caixa Econômica, PARAIBAN, Bradesco e Banco do Nordeste do Brasil. (OLIVEIRA, 2007).

Posteriormente, crises hídricas e o risco de desabastecimento de algumas cidades fizeram com que a irrigação com água do açude fosse proibida em alguns períodos. Com isso, também houve a redução da atividade econômica municipal.

Atualmente, Boqueirão possui um Produto Interno Bruto (PIB) per capita de 7.291,97 reais e um Índice de Desenvolvimento Humano Médio (IDHM) de 0,607, considerado médio, de acordo com os padrões de classificação.

## **2.3 A feira de Boqueirão no período atual: transformações e coexistências**

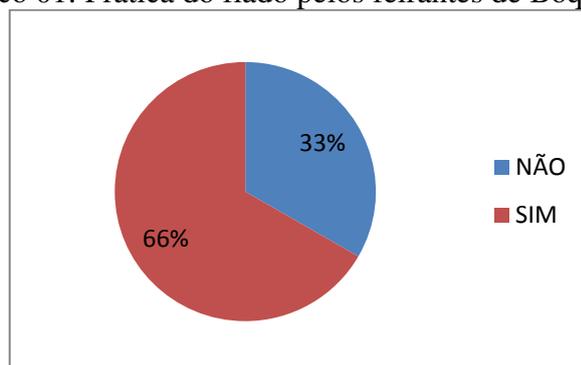
### **2.3.1 O “Fiado”**

Nesse contexto de intensas inovações, as atividades comerciais das feiras livres, enquanto atividades pertencentes ao circuito inferior da economia urbana, mesmo sofrendo profundas transformações, ainda exercem influências nas dinâmicas econômicas locais e regionais.

A sobrevivência da feira pode estar associada há alguns fatores, como a proximidade do sujeito frequentador com aquele local, facilidade de mobilidade até este espaço, entre outros fatores. Mas além destes, a prática do fiado constitui um mecanismo que ainda se faz muito presente nas relações comerciais. Essa prática tem grande importância pelo fato de possibilitar a população, sobretudo à parcela mais carente, de atender suas necessidades imediatas de consumo, de acordo com suas posses financeiras no momento. (Costa, 2003).

Diante desse fato, observamos a partir de questionários aplicados em parcela dos feirantes de Boqueirão, que essa é uma prática comum na área, como pode ser observado no Gráfico 01:

Gráfico 01: Prática do fiado pelos feirantes de Boqueirão:



Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Vemos que 2/3 dos feirantes utilizam-se dessa prática para atender seus clientes, revelando, portanto, a importância desta prática comercial neste espaço pesquisado. Afirma Lopes (2004) que, é provável que essa forma de crédito (com garantia nas relações de confiança), crie, na medida em que o feirante vá criando raízes naquela área, relações de proximidade entre os vendedores com seus clientes em termos de sociabilidade.

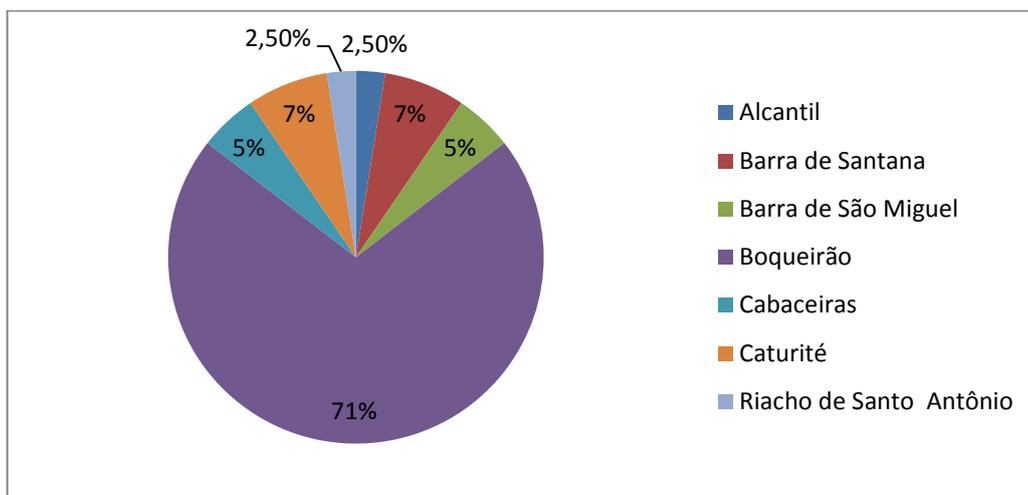
### 2.3.2 Centralidade da Feira

Através dos dados obtidos na pesquisa, constatamos que a dinâmica espacial da atividade comercial desta feira confere a esta cidade uma importante centralidade entre localidades próximas. Tal aspecto nos mostra sua influência microrregional, exercendo ainda grande importância, mesmo com as diversas mudanças e inovações no setor comercial nos últimos tempos.

Vale ressaltar, assim como citado por Serpa (2011), com base em Santos (1979), que: “Nos países subdesenvolvidos, a influência territorial de cada localidade central divide-se entre os dois circuitos da economia: ao contrário do circuito superior, a área de influência do circuito inferior tende a aumentar do centro para a periferia”.

Com base nas respostas dos questionários aplicados com os clientes e frequentadores da feira, nota-se que mesmo com grande percentual de origem do município de Boqueirão, há porcentagens significativas de frequentadores deste espaço oriundos de outros municípios da região (Gráfico 02).

Gráfico 02: Origem dos Clientes e Frequentadores do espaço da feira livre de Boqueirão.



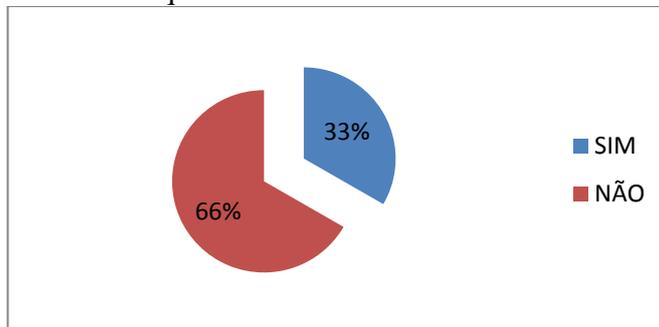
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

No gráfico, é possível evidenciar que quase 30% dos frequentadores desse espaço são oriundos de outros municípios, em geral, municípios circunvizinhos à Boqueirão. Cabe ressaltar que os dados obtidos através dos questionários corroboram-se na entrevista realizada com um dos feirantes que há mais tempo “faz a feira” em Boqueirão. O Sr. N.T.S., apresenta em sua fala: “têm gente de fora! De quase todos esses outros municípios, como de Caturité, tem até de Cabaceiras, têm de Alcantil, tem de Barra de Santana, sempre tem também”.

Sobre a importância das feiras para pequenas localidades, Corrêa (1997) explica que, “quanto menor a cidade em termos de centralidade, maior será a importância relativa da feira semanal para a vida urbana”. Sendo esta a situação de Boqueirão, observamos que no dia em que a feira é realizada é “o dia em que o pequeno núcleo passa a exercer alguma centralidade” (CORRÊA, 1997, p.69).

No que se refere à frequência dos clientes da feira de Boqueirão em outras feiras, no Gráfico seguinte apresenta parte deste dinamismo/mobilidade comercial interurbana. O fato de a maioria responder que não costuma comprar em outras feiras deve-se ainda em função da inexistência de transportes regulares, mas sobretudo aos custos adicionais com passagens. Sendo frequentada por muitas populações de baixas rendas, muitos se limitam a comprar produtos próximos da sua habitação, não tendo despesas, portanto, com transportes.

Gráfico 03: Frequência dos Clientes em outras feiras livres



Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Dois terços das pessoas que responderam o questionário têm a feira de Boqueirão como à única frequentada, o que nos faz pressupor que tal espaço atende as demandas básicas de consumos desses frequentadores.

Aos que responderam que frequentam outra feira, observamos aspectos diversos, entre as respostas estiveram presentes a feira central de Campina Grande, que possui caráter regional, dotando de um fluxo comercial muito superior que Boqueirão. Também foi citada a feira de Cabaceiras, onde podemos associar a sua proximidade e um fluxo comercial menor em relação ao nosso espaço de estudo. Cabe ressaltar também que o município de Cabaceiras é origem de uma parcela considerável de pessoas que frequentam a feira de Boqueirão, podendo estar associada a isso a parcela de pessoas que frequentam essas duas feiras.

### 2.3.3 Origem dos Feirantes

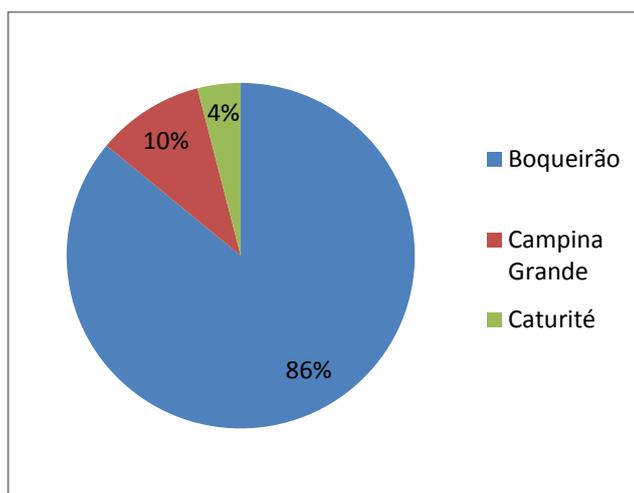
Buscamos quantificar os percentuais de feirantes que frequentam nossa área de estudo de acordo com seu município de residência. Utilizamos tal questionamento como forma de verificar sua importância para o município e microrregião.

Percebemos através dos dados obtidos que a maior parcela (86%) de feirantes é de origem do município de Boqueirão, comprovando assim sua importância para a economia local e como fonte de renda para diversas famílias do município. Tal dado se coaduna à fala de um frequentador desse espaço: V.C.L., que entrevistamos. O referido entrevistado afirma que a principal importância da feira livre para a cidade é a renda econômica que gera para diversas famílias:

A importância é só em termos de nossa população, [...] de como é que se dá o nome? Da sobrevivência! Das pessoas que arrecadam desse dinheiro pra sobreviver e de todos aqueles que frequentam e trabalham na feira livre de nossa cidade.

Também vemos feirantes de outras localidades: Campina Grande (10%) e Caturité (4%), sendo atraídos pelo fluxo de comercialização encontrado na feira de Boqueirão.

Gráfico 04: Município de origem dos feirantes



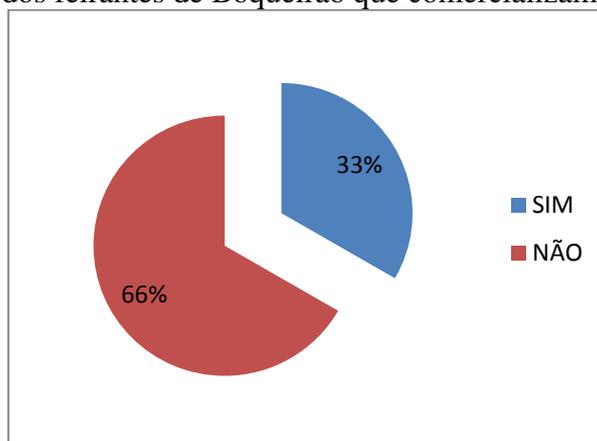
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

### 2.3.4 Comercialização em outras feiras

Geralmente as feiras livres de municípios próximos acontecem em diferentes dias da semana, formando uma espécie de circuito espaço-temporal, tal organização permite assim a participação de feirantes e clientes dessas outras áreas. Buscamos então evidenciar a participação dos feirantes que participam dessa rede microrregional.

Podemos evidenciar através dos resultados do questionário que 2/3 dos feirantes não frequentam outras feiras para comercializar seus produtos, sendo que apenas um terço frequenta outras feiras. Entre as citadas estão as dos municípios de Campina Grande, Cabaceiras e São João do Cariri. Esse dado pode acarretar interferência na forma de comercialização e preço dos produtos, onde em geral, os preços declinam ao longo do dia, relacionado com a qualidade do produto e o risco de sobras dos produtos.

Gráfico 05: Relação dos feirantes de Boqueirão que comercializam em outros municípios



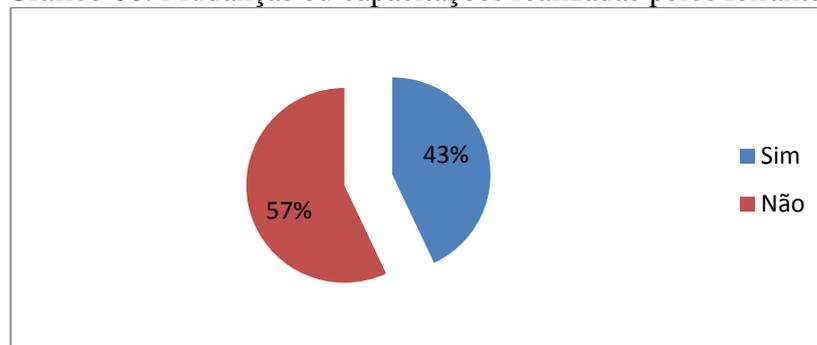
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Outro dado que podemos observar é a relação entre os dias em que ocorrem as feiras que foram citadas: em Boqueirão ocorre aos sábados; em São Domingos do Cariri, aos domingos; e em Cabaceiras, as segundas-feiras. Mostrando assim um circuito de organização espaço-temporal, que permite a atuação dos feirantes e consumidores que desejarem frequentar esses diversos espaços.

### 2.3.5 Mudanças e Capacitações

Os feirantes foram indagados sobre a realização de alguma mudança/reforma ou capacitação (cursos), visando competir em melhores condições com a concorrência. Para tal questionamento, obtivemos os seguintes resultados:

Gráfico 06: Mudanças ou capacitações realizadas pelos feirantes



Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Observamos que a porcentagem de feirantes que buscaram melhorar sua estrutura operacional para atendimento do cliente é de 43%. Número significativo visto que as feiras livres são caracterizadas por sua espontaneidade. Dentre tais mudanças e capacitações,

temos exemplos de cursos oferecidos pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e mudanças na estrutura física do comércio.

### **2.3.6 Origem da Produção**

Quanto à origem da produção comercializada na feira livre de Boqueirão, selecionamos de acordo com o grupo de produtos em áreas principais. A primeira delas foi dos produtos hortifrutigranjeiros. Através dos dados evidenciamos que sua origem está ligada a Empresa Paraibana de Abastecimento e Serviços Agrícolas em Campina Grande (EMPASA-CG), além é claro, da produção local de diversos produtos desse gênero que se desenvolve pela irrigação as margens do açude Epitácio Pessoa, grande reservatório d'água paraibano, localizado no mesmo município. Nos chama atenção que alguns comerciantes buscam na EMPASA, produtos que são comumente plantados as margens do açude e que possivelmente tem origem no mesmo açude, sendo levados a EMPASA por atravessadores. Tal situação talvez possa ser esclarecida através do fato que alguns irrigantes preferem vender sua produção em grande escala, muitas vezes, firmando acordo com mercadores ligados a fluxos de capital maiores, dificultando assim o acesso dos pequenos comerciantes e feirantes.

Também se fez perceptível que os feirantes, em sua maioria, não acumulam as funções de plantadores ou irrigantes, exercendo apenas a comercialização de tais produtos, que são adquiridos por eles através dos atravessadores da EMPASA ou diretamente dos irrigantes do açude Epitácio Pessoa.

Um segundo grupo de produtos, e mais abrangente, é o de Variedades (que incluem artigos para o lar, para o campo, cosméticos, artesanatos, etc.). Percebemos que este grupo tem origem em dois principais centros: A feira de Campina Grande-PB e a feira de Caruaru-PE, que são duas das principais feiras nordestinas, que são citadas por Dantas (2008). Percebemos assim, a influência que tais feiras, de caráter regional, exercem na feira livre de Boqueirão.

Também percebemos a presença de produtos oriundos do Cariri Paraibano, como o caso de Boqueirão, especialmente, na área do artesanato: (Tapetes e redes para dormir), além de uma gama de produtos de produção coureira advinda principalmente do município de Cabaceiras.

No terceiro grupo de produtos, associado a produtos de vestuário/confecções, fica clara a influência do estado vizinho, Pernambuco, de onde advém praticamente a totalidade dos produtos comercializados na feira livre. Destacam-se as cidades de Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, importantes polos de confecções, assim como nos é apresentado por Costa:

Desenvolve-se no estado de Pernambuco entre as cidades de Santa Cruz do Capibaribe, Toritama e Caruaru um verdadeiro circuito especializado no ramo de confecções, com destaque para os “fabricos”, que se caracterizam pelo que SANTOS [...] classifica como circuito superior marginal, porém, capazes de atender nichos de mercados específicos, criar centenas de empregos e até os “novos ricos”, que em tais cidades se sobressaem pelo luxo de suas residências (COSTA, 2003, p.136).

Vemos então, certa diversidade na origem de produtos, de acordo com suas características e das potencialidades das regiões produtoras. Outro fator importante a ressaltar é que a feira de Boqueirão ao mesmo tempo é emissora e receptora de influências inter e intraurbana. Ela é claramente influenciada por outras feiras livres como a de Campina Grande e Caruaru, que através do seu caráter regional, exercem uma influência interurbana.

### **2.3.7 Padronização da Feira**

Segundo Mascarenhas (2008, p.83), a feira livre entrou em descompasso com o ritmo frenético de nossa época moderna, chegando talvez ao ponto de ser apontada como um elemento cristalizado. Continuando seu raciocínio, o autor expressa: “talvez, que a feira livre seja uma filha rebelde da modernidade que insiste em desafiá-la.” (MASCARENHAS, 2008, p.84).

Por estes motivos, dentre outros já citados ao longo deste trabalho, o imaginário de desordem e insalubridade da feira livre foi implantado pela mídia no ideário das pessoas. Iniciaram-se então em algumas localidades processos de reestruturação do espaço das feiras livres. Medidas tomadas a partir das administrações públicas e por algumas vezes com participações dos feirantes, que buscam uma atualização desses espaços, seguindo uma linha que consideram ser mais progressista.

Nesse sentido, observamos: “A distribuição das barracas nas feiras dá-se cada vez mais a partir de uma setorialização, às vezes informalmente, outras vezes por determinação das prefeituras locais.” (CARDOSO; MAIA, 2010, p.6).

Em Boqueirão, houve um processo de reestruturação da feira livre. Assim revela o presidente em exercício da Associação de Comerciantes, Feirantes e Ambulantes de Boqueirão (ASCOFAB), Mariz Gilberto:

Sim, tivemos uma modernização não é? Na nossa feira, fizemos parceria como já falei, é nossa associação em parceria com o SEBRAE, prefeitura municipal e também parceira com o governo do estado na gestão do governo Cássio a gente conseguiu 100 stands, desses stands de ferro para organizar melhor à feira, então ficou a feira toda padronizada, substituindo os bancos de madeira pelos stands, aí a nossa feira ficou modelo na Paraíba não é? Sendo a primeira feira toda padronizada. Então a nossa avaliação é que melhorou bastante, devido aos produtos estarem todos organizados não é? Em seus devidos lugares, como também dividido, que a gente dividiu em setores. Aí nossa feira ficou modelo na Paraíba e tivemos também através disso aí, dessa organização que teve na nossa feira, nossa feira sendo visitada por várias outras cidades da região que vieram nos visitar e conhecer como ficou nossa feira, e ficou uma feira modelo!

Percebemos através deste depoimento, a parceria entre esferas do poder público, que buscaram uma atualização do espaço da feira livre, como podemos observar nas imagens 02 e 03, na qual os tradicionais bancos de comercialização foram padronizados, através de parcerias entre tais órgãos em conjunto com a ASCOFAB. Outro aspecto fundamental é o caráter pioneiro da feira de Boqueirão em relação a esse tipo de padronização no estado da Paraíba.

A opinião do presidente é próxima a de um feirante que também entrevistamos.

N.T.S.:

Antigamente era umas barracas véia de madeira né? E hoje tem todos esses bancos que são mais organizados, que o SEBRAE veio aqui e fez adaptação, esses outros barracos para os feirantes tudo venderem em cima dos bancos de ferro, bom! E mudou muito, que era umas barraquinhas véia de lona, de madeira coberto com lona né? E hoje tem as barracas que é de negócio de alvenaria e tem os bancos pra feira pra venderem roupas, frutas, calçados, tudo tem e hoje fizeram tudo banco novo né? Convênio da prefeitura com o SEBRAE e o Governo do estado não é? Melhorou mais um pouco, a feira ficou mais organizada, que era muito desorganizada!

Nossas observações, assim como entrevistas, também constataram um aspecto importante, tal padronização não permanece uniforme até os dias de hoje, apesar da maioria dos feirantes utilizarem os novos stands cedidos pela prefeitura em parceria com o governo estadual, observamos que fizeram suas próprias adaptações, em nível de localização na feira, já que alguns feirantes mudaram-se do setor ao qual foram direcionados, buscando um novo local que consideraram melhor para a comercialização. Outros aspectos também são apresentados na fala seguinte, de Mariz Gilberto:

É, avaliamos hoje que hoje tá deixando um pouco a desejar já que alguns feirantes deixaram de lado a organização da feira e alguns deles não seguem mais as normas que foi aprendidas através das palestras e de cursos dado pelo SEBRAE, a organização que tinha, não colocar os produtos em seus devidos lugares né? Como também alguns feirantes, eles mesmos é quem sujam seu próprio ambiente de trabalho, ai dificulta um pouco pra nós trabalharmos na nossa feira sem tá mais organizada né? Foi tirada um pouco da padronagem que tinha né? Que era toda padronizadazinha. Então hoje, assim, a gente vê stands já que era todo padronizado as bancas todos da mesma cor, as lonas todas da mesma cor hoje já estão de diferentes cores e hoje tá deixando um pouco à desejar né? A nossa feira hoje é um pouco a desejar.

Imagens 02 e 03: Espaço da feira livre de Boqueirão, respectivamente, antes e depois da padronização.



Fonte: Arquivo Pessoal, Paulo da Mata Monteiro

Percebemos assim que mesmo com a intervenção do estado, e a busca de uma reorganização do espaço, características tradicionais e próprias dos feirantes persistem, fazendo-se marcos afirmativo nessas áreas e, ao mesmo tempo, uma forma de resistência a tais mudanças.

### 2.3.8 Livre Comercialização

Um dos aspectos fundamentais e característicos da feira livre é exatamente sua abertura a população, atraindo pessoas de todas as classes, sendo assim um espaço de grande sociabilidade e de abertura à população. Nossa pesquisa aponta que essa abertura também se estende aos feirantes e comerciantes, que tem sua facilitada comercialização nesse espaço, sem grandes questões burocráticas que entrem abertura de novos pontos de vendas.

Realizamos entrevista com um feirante que iniciou nesse espaço da feira de Boqueirão recentemente. P.C.O. expõe que:

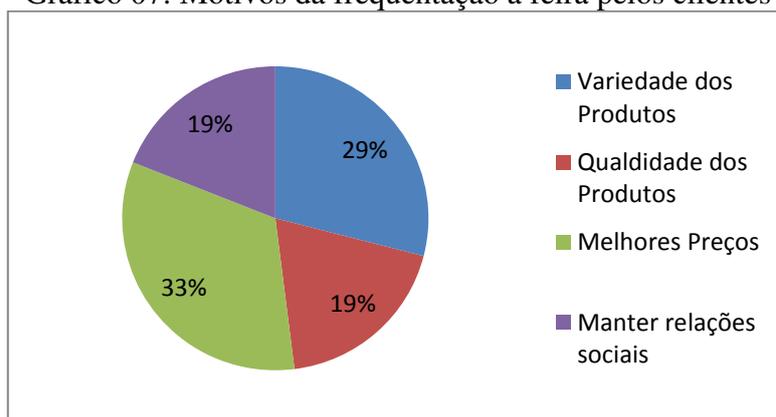
Primeiro vem essa questão da livre comercialização dos produtos, que você pode botar sua banca e a pessoa pode vir e pessoas de várias cidades vem procurar seu produto aqui, isso é bem interessante na feira livre de nossa cidade.

Tal liberdade na comercialização de produtos permite uma inclusão no setor terciário que é fonte de renda para diversas famílias, tornando-se fundamental também para a economia do município.

### 2.3.9 Motivos pelos quais os Clientes frequentam a feira livre de Boqueirão

Analisando o espaço da feira e sua dinâmica social sob a ótica dos clientes e frequentadores desse espaço, buscamos compreender os motivos que os levam a frequentar tal área de comercialização. No gráfico a seguir, apresentamos os resultados colhidos:

Gráfico 07: Motivos da frequência à feira pelos clientes



Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

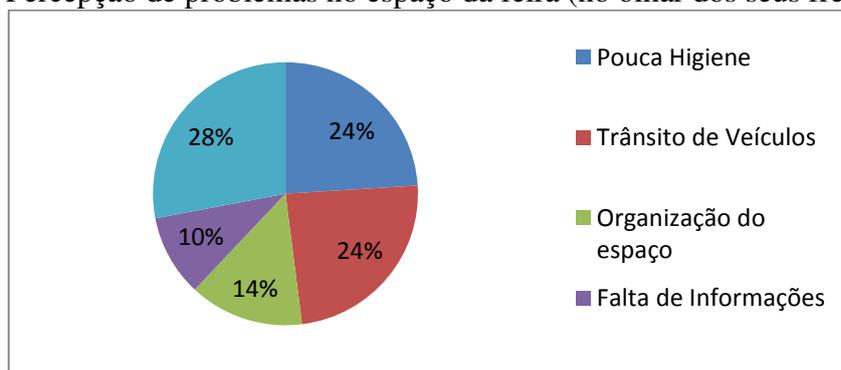
A maioria, composta por cerca de 33%, busca melhores preços nos produtos. Nesse aspecto podemos perceber uma diferença significativa com relação a feira e os supermercados. Destas diferenças está a negociação de preços, que é característico da feira livre, onde o cliente e feirantes negociam, buscando um fator comum de benefício. Tal flexibilidade geralmente não existe nas novas formas comerciais.

O segundo aspecto mais citado (29%), relaciona-se com a variedade de produtos encontrados na feira, a facilidade em encontrar produtos diversos em um único local contribui na redução no tempo e locomoção dos clientes para satisfazer suas necessidades de consumo.

Os outros aspectos citados, com 19% cada, foram a qualidade dos produtos e o fato de manterem relações sociais no espaço. Nos chama atenção esse último aspecto, que é

uma das características da feira, tida por muitos frequentadores, como um lugar de encontro, espaço de interação entre as pessoas, no qual podem rever os amigos, conversar e até mesmo “passar o tempo”. Comprovando assim que o comércio desempenha uma função-social, de convívio entre as pessoas e de animações nos lugares.

Gráfico 08: Percepção de problemas no espaço da feira (no olhar dos seus frequentadores)



Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Através dos dados coletados, percebemos que a maior parcela de pessoas (28%) não identificam problemas no espaço da feira livre, tal dado nos sugere a hipótese de estarem habituadas às características do espaço da feira e familiarizados com as peculiaridades do local.

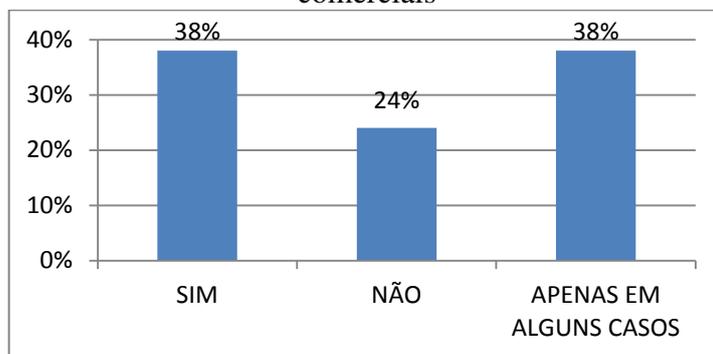
Em seguida, vemos dois tópicos com 24%, que são a pouca higiene e o trânsito de veículos que circulam próximos a feira. Também visualizados a organização do espaço (14%), envolvendo a disposição das barracas e o ambiente de circulação dos frequentadores. Por último a falta de informações (10%) relacionada a produtos e serviços disponibilizados na feira. Tais aspectos estão associados às ideias difundidas da feira, enquanto “espaço desorganizado”, “lugar insalubre”, “ambiente arcaico”, estas ideias contrastam com o grande e moderno comércio hegemônico e globalizante, desqualificando formas mais antigas.

### 2.3.10 Substituição dos serviços encontrados na feira livre por novas formas comerciais

O Gráfico 9, nos revela dados com relação à substituição ou não dos serviços encontrados na feira livre por meio das novas formas comerciais, como supermercados, grandes lojas, entre outros. Diante dos dados, podemos observar que, 38% afirmaram que em alguns casos, as novas formas de comércio substituem os serviços da feira livre.

Também 38% afirmaram com uma maior “segurança” que realmente esses serviços são substituídos. Enquanto que 24% relataram que os supermercados e lojas, não conseguem substituir os serviços ofertados pela feira local.

Gráfico 10: Substituição dos serviços encontrados na feira livre por novas formas comerciais

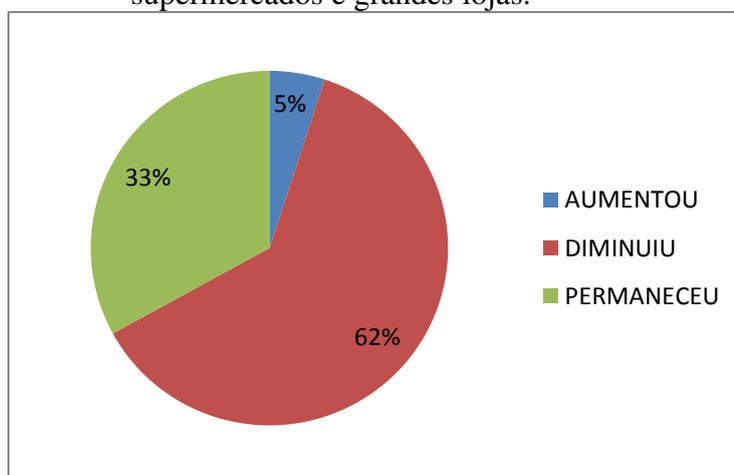


Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Podemos perceber através desses resultados, a competição existente entre essas diferentes formas, com essas novas formas adentrando nos serviços encontrados na feira. Essas inovações, apesar de não ser total, ou em alguns casos até não acontece, dividem os objetos comercializados diminuindo as vendas nesse espaço público, assim como importância no espaço local e regional.

Buscando relacionar e entender de uma forma mais precisa, perguntamos aos clientes quanto a sua frequência na feira livre de Boqueirão, após o surgimento e disseminação de supermercados e grandes lojas. Obtivemos os seguintes resultados:

Gráfico 11: Frequência dos clientes na feira livre de Boqueirão após o surgimento de supermercados e grandes lojas.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

A maioria, constituída por 62%, afirma que sua frequência nesse espaço diminuiu após o surgimento dessas novas formas de comércio, o que comprova o caráter de competitividade entre essas diferentes formas comerciais. Tais dados nos revelam um abalo substancial com relação à frequência dos clientes, que possivelmente migram para alguns serviços dos novos comércios.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em termos gerais, percebemos diversas mudanças ocorridas nas formas e meios de comercialização. Aspectos do processo globalizador e hegemônico no lugar, a feira de Boqueirão sofre com adaptações, novas concorrências e ameaças às formas tradicionais.

Também constatamos a feira como um espaço de forte expressão da cultura popular regional, das práticas antigas de populações do semiárido do Nordeste brasileiro.

Evidenciamos que através de sua cultura e seus valores encontram-se caminhos para coexistir com as novas formas de comércio. Nesse sentido, é vital a prática do fiado, atraindo parcela da população que satisfaz suas necessidades imediatas dispondo apenas desse “crédito de confiança”, que é conquistado a partir das relações de sociabilidade entre vendedor e cliente, que se constrói ao longo do espaço-tempo, sendo uma das típicas características das feiras-livres.

Com base nos dados coletados no desenvolvimento desta pesquisa, constatou-se que esta feira exerce importante influência em diversos municípios da Microrregião do Cariri Oriental, no estado da Paraíba, possuindo um considerável papel centralizador e dispersor de fluxos comerciais. Ressaltamos ainda nossa percepção sobre um possível declínio desse papel centralizador na atualidade, razão pela qual buscaremos analisar, de forma mais analítica, nas próximas etapas da pesquisa, evidenciando os possíveis fatores responsáveis pelas possíveis transformações econômicas e socioespaciais.

A feira livre de Boqueirão-PB, por sua vez, agrega ainda muitos valores, mesmo em contextos de modernizações mercadológicas e de novos padrões de consumo, que também se fazem presentes, em níveis diferenciados em pequenas localidades interioranas.

## REFERÊNCIAS:

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim; MAIA, Doralice Sátyro. Das feiras às festas: as cidades médias do interior do Nordeste. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p.517-550.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Espaço e Indústria. 2ed. São Paulo: Contexto, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 304p.

COSTA, Antônio Albuquerque da. **Sucessões e Coexistências do Espaço Campinense na sua Inserção ao Meio Técnico-Científico-Informacional**: a feira de Campina Grande na interface desse processo. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pernambuco; Recife, 2003.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. **Feiras no Nordeste**. Revista de Geografia da UFC, ano 7, nº 13, 2008.

FIGUERÊDO FILHO, Laudemiro Lopes de. **Modos e Modas de Vida de Vaqueiro no Cariri Paraibano – Município de Boqueirão**. Monografia de Especialização em teoria da História e Metodologia de Ensino. UEPB, Campina Grande, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cidades: Boqueirão. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250250&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>. Acesso em: 05 de Novembro de 2014 às 20h.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O lugar da feira livre na grande cidade capitalista: Rio de Janeiro, 1964-1989. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Volume 54, Número 01. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, jan./mar. 1992. p.94-120.

LOPES, Vânia Lúcia Silva. **Meios de Vida**: as experiências de sobrevivência e luta dos trabalhadores ambulantes e feirantes em Fortaleza entre o final da década de 1960 e início de 1970. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Ceará; Fortaleza, 2004.

OLIVEIRA, Fabiano Custódio de. **Alterações no sistema produtivo e organização do trabalho na agricultura irrigada em torno do açude de Boqueirão-PB**. 181 f. 2007. Tese de mestrado da pós-graduação em geografia – UFPB, João Pessoa-PB, Paraíba, 2007.

SALGUEIRO, Tereza Barata. **Novas Formas de Comércio**. Finisterra, XXIV, Ed.48. Lisboa, 1989. p. (151-217).

SERPA, Angelo. Lugar e centralidade em um contexto metropolitano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltão. (org). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: contexto, 2011.

PINTAUDI, Silvana Maria. A cidade e as formas do comércio. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.) **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999. p.143-159.

\_\_\_\_\_. O consumo do espaço de consumo. In: OLIVEIRA, Márcio Piñon de; COELHO, Maria Célia Nunes; CORRÊA, Aureanice de Mello (orgs.). **O Brasil, a América Latina e o Mundo: espacialidades contemporâneas (II)**. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ/ANPEGE, 2008. p.121-127.

\_\_\_\_\_. Mercados públicos: vestígios de um lugar. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011. p.167-176.

SANTOS, Cláudio Ressureição dos. **O lugar da feira-livre na produção do espaço da cidade contemporânea: mudanças e permanências**. ENAMPEGE, 2013. p. 764-774.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997a. 308p.

SANTOS, Milton. **O Espaço dividido**. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2004 [1979]

SOUSA, Valdirene Pereira de; BRITO, Roberta Lopes de Oliveira; ANDRADE, Jefesson Franciary Farias de. Uma história de Boqueirão. In: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de (org) **História dos Municípios Paraibanos**. V.3. Campina Grande, EDUFPG, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação B. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 2001.

SILVA, Ederivaldo Arruda; **A Cidade das águas: A sustentabilidade do açude Eptácio Pessoa – Boqueirão – PB**. 2006. Monografia de Pós-graduação em Análise Ambiental – UEPB, Campina Grande, 2006.

TAVARES, Noaldo José Aires; DINIZ, Lincoln da Silva. **Feiras livres regionais: análise acerca da dinâmica comercial da Feira de Boqueirão no período atual**. (Relatório Final). CNPq/PIVIC/UFPG, 2012-2013.

VARGAS, Heliana Comin. **Espaço terciário: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001. 335p.